

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 29 de Junho de 1836

N. 21

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XIX

ISTO E' SPLEEN!....

(AO ESCORREGAR DA PENNA.)

Não sei como vol-o diga, leitores, mas tenho saudades daquelle tempo em que fallava ao coração, se é possível haver coração no meio desta sociedade imponente e faustosa, que aceita tudo sem reflexão.

A imaginação deslisando-se brandamente por cima de tudo quanto podia abranger, ia repousar á sombra d'aquillo que amei outr'ora, e que ainda amo hoje. Ella parecia alegrar-se com a recordação desses ledos e risonhos dias da infancia, com os affagos e carinhos que despenderam comigo, com tudo emfim que fórma a melhor pagina do livro intimo de qualquer homem.

Ahi vinham as flôres, com seus agradaveis perfumes, juntar-se aos sorrisos innocentes de meus irmãos.

Ahi vinham os passarinhos entoar seus cantos de festa, quando bem perto de mim a voz suave e pura de.... um anjo, acompanhava os mimosos filhos da natureza!

Tudo isto era tão bello e encantador, que a imaginação repousava.... tanto que eu sentia-me outro, e por effeito dessa rapida transicção depunha no papel os meus mais intimos e charos pensamentos. Eu só os podia avaliar, eu apenas comprehendia a expressão delles, e muitas vezes me serviram de balsamo consolador.... Hoje, não sei porque fatalidade, não posso voltar ao que fui! Também para que? O leitor, ao ler esses pensamentos intimos, soltaria uma gargalhada ironica, apoz do que me chamaria — tolo.... E esta? não

cabi na asneira de esquecer que tenho 22 annos, idade em que olhamos já para o passado com uma pesada indiferença? Felizmente que o *choro* foi de momentos!.... Não, leitores, enganei-vos quando disse que isto era *melancolia*. Melancolico, eu? quando tanta gente ri, uns por prazer, outros por imitação e o resto por tolice?! Nada, tomemos parte em tudo, Folgar, rir, pensar apenas no dia de hoje. procurar todos os modos para que a *negra* não venha apanhar-nos desprevenidos, e o resto.... o futuro, o futuro é um se-nhor carrancudo quasi sempre, ri apenas para mostrar os dentes. O passado, esse é um velha que usa de chinó, e toma rapé. Por consequencio Srs. *passado* e *futuro*, recolham-se aos bastidores....

Vou hoje fallar-vos d'uma certa especie d'animaes, a que chamarei — *por classificar*, e que encontrareis em qualquer parte gosando das delicias que lhe proporciona uma vida de rosas.

E' mister primeiro declarar-vos que esses animaes, racionaes pelas leis da creação, deviam ser considerados na eschola que pertence aos *quadrupedes*, *amphibios* ou *reptis*, &c., &c., sendo preciso que um conselho de homens de senso os distribuisse conforme o seu merecimento. Se eu tivesse a honra de pertencer a esse conselho, poria a maior parte em primeiro lugar, porque quasi todos os quadrupedes são animaes de carga, e eu teria summo rigosijo em vel-os transitar pelas ruas, carregados, em lugar de os ver, como quasi sempre vejo, em cima de *seus irmãos*, ou o que é a mesma cousa, dentro d'um vehiculo puchado por quadrupedes. Não posso indicar-vos com precisão onde encontrareis esses *não classificados*, o que é certo é que os encontro a cada passo, e o acaso me força a estar em contacto com elles algumas vezes. Comtudo eu (ue os conheço ás leguas, fujo-lhes como o diabo foge da cruz, e venho para casa com a firme resolução de lhes conceder um lugar especial nos meus obscuros

artigos. Como vos prometti fallar nesses animaes, vou prevenir-vos do resultado que obtive após d'um maduro exame.

Começarei pelos *quadrupedes*.

Quadrupedes, são aquelles que com o honroso nome de homens teem entrada em toda a parte, patenteando nos seus menores actos o quanto a natureza foi avara para elles dos sentimentos que formam do homem um animal racional.

Quadrupedes, são aquelles que disputam a primazia em tudo, quando elles não comprehendem que com a dextra se faz o signal da cruz.

Amphibios são aquelles que arrastando-se pela lama onde foram lançados por ignominia, chegam a assentar-se a par dos brilhantes ornamentos da sociedade. Ah! collocados lançam uma vista d'olhos para o espaço que acabaram de pisar, e com um sorriso de satisfação vão dizendo — entre dentes — aqui estou melhor, mas aquelle lugar deixar-me-ha saudades.

Reptis, são todos aquelles que empregam os melhores dias da vida a morder no proximo, acabando por dizerem : é em beneficio da sociedade em geral, o veneno que me sahe dos labios acabará com todos os abusos que reinam nella.

E eu que os conheço, leitores, não posso dizer-vos qual destas tres especies é a mais nociva. Decidi vós, na certeza de que lhe concedeis um favor especial se ao encontrar-vos com elles consentis que pisem o terreno que vós pisaes... E a mim conceder-me-heis um grande obsequio se tiveres a complacencia de ler estas *Paginas intimas* até ao fim !....

Rio, 27 de Junho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação do n. 19.)

— E' singular, disse o doutor Gama depois que seu tio se retirou, esta carta veio produzir sobre mim uma impressão assaz desagradavel; sem profunda-a sinto, como Carlos, que alguma grande desgraça virá interromper o socego e o bem-estar desta familia. . . Vamos, continuou elle após um instante de reflexão, ha de evitar-se, senão no todo ao menos em parte.

O doutor deixou o jardim, e quando ia a su-

bir as escadas que communicavam com a varanda, encontrou o dono da casa.

— Luiza ? perguntou este.

— Não tive ainda o gosto de vel-a esta manhã, respondeu o mancebo com voz tremula.

— Não a deixou no jardim ?

— Tive a honra de dizer-lhe já que não fallei ainda com sua filha. Mas a que vem estas repetidas perguntas ?

— Por uma razão mui simples á primeira vista, mas d'algunha importancia para mim.

O doutor Rego explicou a Henrique os habitos da casa, disse-lhe que não recebendo a costumada visita de Luiza, fôra ao seu quarto, porém que a não achára lá. Informou-se dos creados, responderam-lhe como o fizera o doutor Gama.

— Não deixa de dar-me serios cuidados a falta de minha filha, concluiu o doutor, porque jámais esqueceu que o seu primeiro cuidado era reclamar a benção paternal ; não o fez hoje, ninguém a vio... é celebre !

E o pobre pai combatia uma multidão de idéas oppostas, sem poder firmar-se n'uma.

Henrique advinhava as torturas que devia soffrer o coração deste bom pai. O mancebo comprehendia, apesar da sua pouca idade, que estes dous entes não podiam viver um sem o outro.

O doutor Rego via em Luiza aquella que amára com todas as forças de sua alma ; a joven via em seu pai o resto dessas ternas e doces affeições que nos rodeam na infancia. Perder Luiza era o mesmo que perder seu pai.

— Socegue, Sr., disse Henrique, talvez que Luiza fosse passear ao campo ; a manhã está lindissima, e as mulheres apreciam bastante ver raiar o sol.

— Não, Luiza é pouco inclinada aos passeios matinaes ; a fazel-o não sahiria sem advertir-me com antecedencia.... mas ahi vem o Sr. Tristão, talvez que elle nos possa dar noticias della.

Era com effeito o brasileiro que entrava no jardim.

— Bom dia, doutor ; disse elle do fundo das escadas, venho procurar meu sobrinho ; não me apparece em casa desde hontem á noute ; é um estouvado, e que jámais poderei subjugar.

— E eu procuro minha filha, respondeu o doutor Rego, dá-me noticias della ?

— Eim ? exclamou o brasileiro alcançando a varanda, não comprehendi bem.

— Não vejo do mesmo modo Luiza desde hon-

têm de noite, tornou o doutor ; suppoz que a tivesse encontrado.

— E esta ! um procura a filha, e o outro o sobrinho ; é galante a aventura.

Uma idéa terrível assaltou o espirito do doutor Rego ; a falta de Carlos, o desaparecimento de Luiza, certos precedentes, tudo o induzio a crer que o primeiro a raptára.

— Mas é impossivel ! disse elle como se respondesse a si mesmo, Carlos é um manço de sentimentos nobres, e um tal crime praticado por elle....

— Não, disse Henrique comprehendendo o que queria dizer o doutor ; Carlos não é capaz de uma acção tão infame. E com que fim ?

— Não entendo, atalhou o brasileiro.

— Receia o Sr. doutor, respondeu Henrique, que seu sobrinho seja a origem do desaparecimento de Luiza.

— E' uma injustiça que lhe faz, meu amigo, Carlos é um leviano, um extravagante, mas já-mais faltarão aos deveres de homem honrado ! Nessa parte eu tomo a sua defeza.

— Perdão, eu não soube o que disse, tornou o doutor Rego em tom sentido, mas deve comprehendere que quando se trata d'aquillo que mais amo na terra, além de Deos, é desculpavel qualquer conjectura.

O doutor deixou cahir a cabeça sobre o peito, e soltou um suspiro

— Animo, Sr., disse-lhe Henrique, sua filha ha de apparecer ; eu vou procural-a, acompanhado de meu pai ; meu tio deve encarar o caso pelo lado ridiculo....

— Estás enganado, e a prova é que desde já me offereço para seguir-te, atalhou o tio Cardoso, entrando na varanda precedido de seu irmão.

— Vamos, pois, disse este; toda a demora nos é prejudicial ; temos um pai que pede aquillo que tem demais charo no mundo — sua filha.

— Obrigado, meus bons amigos, obrigado, porque sabeis avaliar a dôr de um pai.

E os tres iam a retirar-se.

— Esperem, eu tambem os acompanharei, disse o brasileiro.

— E' inutil, respondeu o tio Cardoso ; fique porque nós costumamos andar depressa, e o Sr. transtornar-nos-hia o nosso projecto ; descançe, porém, que vamos resolvidos a trazer-lhe a boa peça de seu sobrinho. Adeus !

Continúa.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

III

A DESCOBERTA.

(Continuação.)

— Oh ! meu Ricardo, mas Maria não gritava ; não ! porque não podia. E' de suppor que levasse alguma mordaca ; eu ouvi seus gritos abafados, mas era só, e assim mesmos ia-me perdendo ; cheguei a armar as pistolas e a correr atraz delles, porém pensei ; e só os segui para descobri-los ; e ambos andavam a bom andar.

— Oh, Sr. José ! uma quadrilha de contrabandistas habitam na *casa solitaria*, é por isso que todos julgam que são almas do outro mundo que por ali andam.

Final' chegaram ao centro da povoação e cada um tomando para seu lado, foram bater com força na portas de todas as casas que ficavam junto á rua.

Os moradores acordaram, e sahiram sobresaltados, e no rosto de quasi todos se viam os estragos da terrível fome, que continuamente ia diminuindo a povoação.

— Amigos !... habitantes de Santo Antão !... acordai !... um horroroso crime se acaba de commetter !...

E todos assustados perguntavam uns aos outros : o que foi ? o que aconteceu ?

— Uma porção de contrabandistas roubaram agora a filha do Sr. José dos Santos ; esses homens malvados estão na *casa solitaria*, são contrabandistas ; têm uma grande porção de comestiveis, vamos, amigos !... estamos morrendo de fome, a necessidade não tem lei, corramos a apossar-nos de tudo ; é preciso punir esses malvados !...

E em um instante uma grande porção de homens armados de páos, chuços e outras armas estavam esperando a voz da partida.

José e Ricardo appareceram logo com mais alguns, e gritando com força disseram :

— Amigos, é preciso não termos medo, o nosso numero é superior, havemos de vencer ; vamos.

E todos qual um pelotão de revoltosos, puzeram-se em marcha para á *casa solitaria*. Ricardo ia á frente, contando a José a maneira porque tinha descoberto os roubadores de Maria

— Sim, amigo José, apertado pela fome, de que padecem quasi todos em Santo Antão, tinha ido ao lado opposto da costa, porque tinha ouvido fallar que lá costumavam vender comestiveis ; para poder comprar alguns para minha pobre mãe. Encontrei no caminho uma mulher que me disse o contrario, porém não lhe dei credito e segui meu caminho. Cheguei a final á praia, mas nada vi ; esperei assentado em um rochedo, e appareceu um pequeno barco, que fundeou á algumas braças da praia ; gritei-lhe, mas não apparecia ninguem ; passados alguns minutos vi por entre os rochedos onze homens cobertos com capotes, e via-se que traziam armas. Assustado escondi-me na cavidade de um rochedo, donde podia ver o que elles faziam. Então o barco atracou a umas pedras e descarregou uma grande porção de barricas, que os homens carregaram, e se sumiram por entre os rochedos. Depois o barco largou, e vi destacar do grupo dous homens que tomáram o caminho onde eu estava ; julguei-me perdido ; escondi-me o melhor que pude, e elles andaram por cima dos rochedos, e por algumas palavras que ouvi conheci que me andavam procurando ; armei as minhas pistolas, e puz-me á espera dos meus inimigos. Mas passados alguns instantes vi-os descer e irem reunir-se aos outros. Depois seguiram todos por entre os rochedos e perdi-os de vista. Julgava que não os veria mais, sahi e fui seguindo pelo caminho que elles tinham ido. A noite principiava, e era-me favoravel, pude ao longe vêr um grande carro carregado, que elles escolta vam, fui-me occultando á proporção do caminho, e depois de fechar a noute seguiram, e eu tambem os segui de longe ; quando apparecia algum relampago, deitava-me para não ser descoberto. A final chegaram á *casa solitaria*, e descarregaram o carro e a porta fechou-se. Convenci-me de que vendiam depois os comestiveis por um preço fabuloso ; e voltava para casa por um caminho opposto ao que devia ; mas muito devagar pelo grande cansaço com que vinha. Chegado que fui áquella cerca assentei-me para descansar, e d'ahi a pouco ouvi grande tumulto de passos e gritos abafados ; pude reconhecer que era a voz de Maria, levantei-me, armei as pistolas e corro atraz delles, mas um relampago foi a minha salvação, porque reconheci que eram os mesmos malfeitores ; eu só não podia fazer nada, segui-os de longe, e elles foram levar Maria para a *casa solitaria*.

Voltei correndo para ir avisar-vos ; quando passava pela mesma cerca, vi brilhar a candeia, e julguei que fosse algum dos malfeitores que tivesse ficado atraz ; escondi-me atraz d'uma arvore e como vós ouvistes o barulho dos galhos seccos, foi a nossa salvação, senão iriéis ter á *casa solitaria* e vos assassinariam ; porisso agradeçamos a Deos ; e redobemos de ardor ; dentro em breve chegaremos. — Vamos, rapazes, passo ligeiro!... é preciso chegarmos já!...

Continúa.

Dissertação.

Acabavam de dar 10 horas e meia no relógio da matriz de S. Julião na Villa de *** ; era no mez de Dezembro de... o dia estava tão lindo como esses da formosa Primavera, em que o Sol com seus ardentes raios projecta por entre a verdura das campinas, emmurhecendo a mimosa flôrinha, aljofarada pelo rocio matutino....

Hora fatal ! que soastes a meus ouvidos como o som lugubre da campa, que annuncia ao paciente o ultimo momento da sua existencia!... Era essa a hora da partida.... hora em que eu ia deixar o ente que mais charo me era no mundo.... poucos minutos restavam para lhe dizer, quem sabe se o derradeiro adeus !... Oh ! Ceos ! que dôr terrivel soffria meu coração naquelle momento ! ia separar-me desse idolo que tão bem soube attrahir meu coração ; e deixal-o entregue á mais pungente dôr ; privado assim de quem fazia a sua felicidade.... forçoso, porém, me era partir, resignando-me com a sorte ; pois tinha de cumprir esse dever filho da necessidade.... um osculo imprimi em seus labios, como signal de eterna fidelidade, e um abraço foi o elo que unio mais uma vez nossos corações ! Desappareci.

Em poucos momentos o baixel aproado para a cidade de L.... sulcava as prateadas aguas do bello e pittoresco Mondego, bafejado pelo galero no sopro da brisa.

Não tenho forças, não, para descrever meu infeliz e desgraçado estado ; mas oh ! vós, que tendes pela vez primeira amado e sentido escaldar-vos no peito o ardente e puro amor votado a uma mulher que pela ternura de seu coração e magnificencia de sua alma, a todo o transe se deixa enleiar nas cadeias tão destramente tecidas

por Cupido, julgai de meu martyrio nesse momento !... Em meus ouvidos ainda repercutiam seus dolorosos gritos, que cortavam uma a uma as fibras de minha alma !...

Oh ! quanto é triste a separação de uma amante quando se sente girar em nossas veias o fogo abrasador de um violento amor ! quanto não é preferível uma morte instantanea aos penares de uma ausencia da mulher que se adora ! mil vezes antes a conclusão desses dias azinhos que Deos nos concede, muitas vezes, para supplicio de nossas almas ; do que longos annos de vida no goso de todos os prazeres, sem termos de nos ver ao lado daquella que tantas vezes nos deu momentos de verdadeira felicidade.... Mas ai de nós, tudo fenece neste mundo de provas, e as larmas do infortunio chamam pelos gemidos do desespero !

Já não vejo a visão acariciadora de meus sonhos.... não tenho junto a mim essa imagem que encantou alguns dias de minha existencia.... Meu Deos ! compadecei-vos deste infeliz ; dai-me um momento de resignação.... em vão imploro... meus rogos não chegam ao céo.... Nem uma esperança me é dada para sobrevir a tanto infortunio !.... Ah ! que a ventura que me deste, e o goso de teus beijos que tantas vezes devorei com o ardor de minha alma está tão imprimido em meus sentidos que a todos os momentos me recordo desse passado.... esse passado perdido para sempre !.... Sonho junto a ti ; e vejo-te como outr'ora entregue em meus braços, acariciando-me como a mais terna mãe o póde fazer a um filhinho.

Oh ! mulher sublime e adorada ! quanto fui ingrato abandonando-te na occasião que tanto precisavas dos carinhos e doçuras d teu amor ; porém tu bem sentias a necessidade que me obrigava a separar de ti, ó idolo charo de minha alma ! e muitas vezes concordamos, mutuamente, em que a demora nos seria nociva : os meios que se deviam oppôr a esta separação estavam esgotados.... um dia tinha de se ser o fatal ; e no livro do meu destino estava prognosticado que eu devia voltar ao meu antigo exilio ; soffrer muito e muito longe de ti e procurar todos os meios de vencer essa barreira sempre opposta á nossa ventura.

Oh ! meu Deos ! quantas dores e amarguras passei nessa viagem que tanto ambicionava concluir ! quantas recordações me vinham transtor-

nar minha mente escandecida ; mostrando-me teu infeliz estado.... mas, que fazer, quando se aproximava a realisação do que vaticinamos na tarde de 29 de Junho de 185... ? Muito terei que agradecer a Deos se me der um momento ao menos para o arrependimento, e lavar de minha alma essa nodoa execravel, de que, sem duvida, eu fui o unico culpado. Porém não ! oh ! não ! não sou ainda uma victima do amor venenoso... bem sabes que elle não tem lei e que fomos arrastados sem reparar no abismo em que nos iam precipitar....

Junho 29 de 1856.

SIMEÃO PINTO VICTORINO.

O S. João na minha terra.

São dez horas da noite. Apenas de quando em quando se ouve ao longe o estouro de uma das classicas bichas da China, como para me recordar que é hoje o dia de S. João ; que nasceu hoje aquelle que primeiro adorou o Messias ; que é hoje aquelle dia de folguedos e divertimentos populares tão festejado até pelos proprios Mouros. Repito aquella trova que na minha terra ninguem ignora :

Que festas farão os mouros
No dia de S. João ?
Correm todos a cavallo,
Com canas verdes na mão.

Mil pensamentos me assaltam a idéa, e o coração me foge para a pátria nas azas do pensamento.

Condemnado a esta insana monotonia, graças ás medidas policiaes, queria conciliar o somno, mas a lembrança da patria, desses innocentes brinquedos que se perdem na noite dos tempos, impelle-me a traçar algumas linhas sobre o papel, e dar conhecimento aos leitores da *Saudade* deste embate de idéas que me devoram o espirito.

Não tenho esse prurido de escrever, que diviso nessa falange de jovens estudiosos e intelligentes cujos artigos ornarn as paginas da *Saudade*, pois conheço quanto é ardua a tarefa de escrever para o publico, sem duvida de todas a mais difficil de desempenhar ; e por isso peço aos leitores que relevem algum erros que possam haver na dicção rasteira deste artigo.

Sete annos são decorridos que vivo longe da

patria ; porém nunca como hoje senti tão pungentes saudades do meu torrão natal. A esta hora lá estão ranchos de aldeãos em volta d'uma fogueira, entoando canções só proprias deste dia, lá estão queimando a alcachofa que só amanhã dará á credula donzella a difficil resposta concernente ao amor do seu namorado ; lá se estão lavando as ditosas e engraçadas Marias n'uma das mais proximas fontes, na persuasão de que amanhã serão mais bonitas.

Ha em Portugal muitas funcções de Igreja, muitas romarias, muitas procissões, que não obstante concorrerem para o esplendor da religião, não obstante trazerem muitos interesses locais, ninguem se lembra dos fins principaes para que foram intituidas.

O povo corre ás funcções de igreja, como que para um espectáculo gratuito, ouve o sermão que quasi sempre diverte mas raras vezes converte e volta para casa satisfeito de ter cumprido um dever religioso. As romarias servem para os Manoeis namorarem a seu modo, e fazerem mil protestos de amor, de que no outro dia senão lembram. As procissões seduzem pelo apparato com que são feitas, pelo luxo que se ostenta, pelas janellas apinhadas de senhoras, pelas bandas de musica: porém acabadas ellas quasi ninguem se lembra dos tormentos do Redemptor que tem visto representar.

Não quero dizer com isto, que se devam acabar ; o que digo é que não ha outro dia que como este nos recorde nossos costumes patriarchaes, e que dê provas tão manifestas da boa indole daquelle povo, e crime será não lhe aproveitar todas as inspirações generosas.

Folgamos de ver conservados esses costumes pastoris que nos fazem lembrar o Eden terreal ; mas quem sabe, se essa lava destruidora a que por escarneo chamam progresso, está invadindo esse tegado de nossos avós !! Lembrar-se-ha alguém de fazel-os desaparecer ? Talvez.

Conceda-nos o Céu todos os progressos com que outras nações tanto se teem enriquecido : ouça-se o sibilar da locomotiva de uma a outra extremidade de Portugal : illumine-se a gaz todo o reino : conservem-se porém tão antigos usos.

Ao passo que estes innocentes divertimentos nos fazem conservar reminiscencias agradaveis, nenhum damno podem acarretar.

Que prejuizo póde resultar de que a innocente donzella acredite que um bochecho d'agua á meia noite, seja o oraculo que lhe revele a fidelidade do seu adonis ? ! Será este o paradeiro do do Wagon ? ! Irá isto offuscar a luz do gaz ? ! !

Difficil seria enumerar todas as maneiras de festejar tão memoravel dia ; sendo certo, que lá não faltam fogueiras e em torno dellas numerosas donzellas em danças e cantares só proprios deste dia : porém ainda mais difficil seria descrever as saudades que neste momento me atormentam ; é por isso que não continuo a cantar os leitores com os lamentos d'un exilado.

M. X. V. DA SILVA AMARAL.

POESIAS.

Chamamos a attenção de nossos leitores para a seguinte poesia (principalmente para a parte lyrica) do nosso assignante e collaborador o Illm. Sr. João Dantas de Sousa.

o escravo.

Oh tu ! Nume celeste — Liberdade !
 Effigie que, aos humanos sobre a terra
 Em fórma de mulher te representas,
 De brancas finas telas revestida ;
 Na dextra, de rainha altiva o sceptro
 Empunhando orgulhosa ; ás plantas junto
 Um plaustro tendo com o tirano jugo
 Despedaçado ; quem, oh ! quem no mundo
 Um só momento deixará de amar-te ?
 Quem haverá, que á tua voz, não sinta
 Pulsar seu coração ? Quem não suspira,
 Liberdade, por ti ? Quem sobre a terra
 Por junto a tua maggestosa fronte
 Sem a fronte humilhar passára ousado,
 Deosa querida do Universo inteiro ? ! ! ..

Ditosa Liberdade ! oh ! como grata
 Na terra, e prasenteira aos olhos turvos
 Do triste que suspira entre as algemas
 Do cativoiro tredo, te apresentas ! ! ..
 Liberdade, eu te vejo ! oh ! livre é tudo
 Quanto abranger a minha vista alcança,
 Os meu ouvidos quanto escutar podem,
 Quanto me envolve, emfim, cêrca e rodeia...
 De ramo em ramo, ledos passarinhos
 Que aligeros pulando se balouçam
 Entoando de amor hyranos festivos ;

Fragrantes, meigas, por entre a folhagem
 Da copada espessura, prepassando
 As auras ciciando lentamente ;
 O murmurio da lympha, que deslisa
 Preguiçosa, por entre a verde relva ;
 Esse rugir tão triste e melancholico
 Da cascata longiqua a despenhar-se
 Na correntesa, os seixos arrantando ;
 E o bramir fremitoso dessas vagas
 Que na praia, espumando, a vida perdem,
 Aos ouvidos repetem : Liberdade ! !
 Liberdade, inda vejo, ainda escuto,
 Na vastidão immensa das campinas,
 Que n'amplidão se perdem dos espassos ;
 Nesses annosos carcomidos troncos,
 Quaes destemidos reis entre a cohorte,
 Altiua a coma erguendo na espessura ;
 Nas lindas mariposas que adejando
 Ora aqui, ora ali vão finalmente
 No calix se occultar da flor mimosa,
 E mais, em fim, nos serros magestosos
 Que ao Empyreo se elevam, nesse infindo
 Horisonte fulgido. .. eu só. desdito
 Que livre vi do dia a luz primeira,
 Escravo hei-de viver entre cadeias
 Ludibriado pela turba insana
 De irmãos degenerados, sem ao menos
 Ter para me sorrir uma estrelinha
 Do venturosa, de fagueira esp'rança ? ! !

Livre nasci, livre ao mundo
 Meus tristes pais me lançaram,
 E o berço grato e jucundo
 De minha infancia embalaram ;
 Livre, entre as palmas virentes,
 Sob os tropicos ardentes
 D' Africa, ainda innocentes
 Os meus dias se passáram !

Livre já fui como a brisa
 Que de mim voa em redor ;
 Qual essa vaga indecisa,
 A' praia vindo em fragor,
 Livre, qual a flor no prado ;
 Qual fera no descampado ;
 Ou passarinho encantado
 Soltando hymnos d'amor !....

Hoje não tenho caricias
 De irmãos, parentes ou pais ;
 Já não goso hoje as delicias
 Desses sonhos ideiaes
 D'outr'ora ; desventurado,
 Hoje, aos grilhões subjugado
 Nem mesmo achar só me é dado
 Um lenitivo a meus ais !...

Hoje nem sei o que é feito
 D'essas que deram-me o ser !
 Aos duros ferros sujeito
 Do captiveiro a soffrer ;
 Hoje sem patria, descrido,
 Pela turba perseguido,
 De irmãos ao ouro vendido
 Escravo devo morrer....

Morrer escravo !... pois seja....
 Soffrerei como christão :
 O mundo, qu'importa, veja
 Só em mim a servidão ;
 Se dos céos escuto a voz !
 Sobre as cans de meu algoz
 Bradando turva e feroz
 A palavra : — Maldição

Maldição ! e os echos fallam !
 Alem já repercutindo !
 Maldição ! mil sons resvalam
 Lá das cavernas sahindo !
 Maldição ! diz sobre a areia
 Da praia ao longe — Idomeia,
 A vaga que geme e anceia
 Undisonante bramindo....

Mesmo os ferros que agrilhoam
 Meus pulsos, sem compaixão,
 Mesmo as brisas que resoam
 Me respondem : maldição !
 Maldição ! ouço, rugindo,
 Com furia repercutindo,
 Ramos e troncos partindo,
 Lá no deserto o aquilão !

Maldição !... é este o brado
 Do orbe inteiro em redor,
 Desde a alta serra té o prado,

Desde o prado á meiga flor,
 Desde o palacio do nobre
 Que de gallas mil se cobre,
 Ao triste albergue do pobre,
 Contra meu impio senhor !

Captivo, não tenho o dó
 Dos potentados do mundo ;
 Que para elles sou pó
 Boiando n'um charco immundo :
 Mas o qu'importa ! eu lhes pago
 Com este rancor que trago
 Bem concentrado no amago
 De meu peito setibundo !

Não quero !... odeio a amisade
 Do potentado e senhor !
 Que não tem sinceridade
 Do misero sorrindo á dor
 Quero a sim, mas tão sómente
 Do desgraçado gemente,
 Que os males meus também sente,
 Quero-a a fim do trovador.

Do trovador, que orgulhoso
 Não verga a frente a ninguem !
 Calcando aos pés sempre iroso
 Servil o incenso, em desdem !
 Porém que sente e da lyra,
 Constante, os sons que respira,
 Do triste á voz que suspira,
 Casou nos echos d'alem !...

Desse sim quero as ternuras,
 Quero seu meigo trovar ;
 Dulcificando as torturas
 De meu acerbo penar !
 Porém desse nobre e altivo
 Que insensa o rei ; mas esquivo
 Desdenha os ais do captivo,
 Só quero o sangue tragar !...

Rio de Janeiro, 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Soffrer.

O que vae dentro dest'alma ? !
 Tanta dor que só se acalma
 Sobrevindo maior dor !
 Tanta esperança nascida,
 Tão affagada... e perdida,
 Tanto fel e tanto amor !

Tanto fel que envenena
 Esta vida, que serena
 Eu veria deslizar
 Se ao menos acreditasse
 Que *outro tempo* voltasse,
 Se me pudesse enganar.

Não posso, não m'enganava...
 De mais impeto que a lava,
 Mais ardente que um volcão
 Tanto amor ou mal aceito.,
 Ou mal pago e satisfeito,
 Desfaria a illusão !

Fique pois dentro em mim mesmo,
 Nem eu darei a esmo,
 Nem rirão do meu amor,
 Embora sinta n'esta alma
 Tanta dor que só se acalma
 Sobrevindo maior dor !

S. Paulo, 21 Agosto 1853.

J. C. L.

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,

Rua da Valla n. 111.